

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA ESCRITA ACADÊMICA: AINDA EXISTE LUGAR PARA O SUJEITO NA ESCRITA?

Alexandre Marinho Pimenta¹

 <https://orcid.org/0000-0001-8285-1930>

Carlos Lopes²

 <https://orcid.org/0000-0003-2745-3942>

Cássia Elen Nunes de Almeida³

 <https://orcid.org/0009-0008-3254-7656>

Sabrina Stein⁴

 <https://orcid.org/0000-0001-6467-1573>

Resumo: O presente ensaio objetiva discorrer sobre a IA e suas implicações diante da escrita acadêmica de pós-graduandos em educação. Questiona-se: em que o avanço da IA transforma os desafios de pós-graduandos na escrita? Qual será o lugar desses sujeitos nas novas configurações da escrita acadêmica? Utilizamos centralmente os conceitos freireanos de situação-limite, atos-limite e inédito viável para explicitar a superação de limites por parte de sujeitos implicados na experiência educacional. Também dialogamos com a literatura especializada envolvendo escrita acadêmica e inteligência artificial na educação. Por fim, constatamos a complexidade da temática e reforçamos que, independentemente da forma de uso da IA na escrita acadêmica, não se deve apagar dela o sujeito e sua experiência. Tal apagamento do sujeito acarretaria uma desconfiguração completa da autoria e da educação como processo transformador e coletivo.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Escrita acadêmica; Sujeito.



¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Professor de Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: alexmpimental@gmail.com

² Doutor em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Rede Ibero-americana de Investigação em Integridade Acadêmica (Red-IA). E-mail: carloslopes@unb.br

³ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Professora de Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: almeidacassiaa@gmail.com

⁴ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Professora da Educação Básica na Secretaria Municipal de Educação de Domingos Martins e Venda Nova do Imigrante-ES. E-mail: sabrinastein03@gmail.com

ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN ACADEMIC WRITING: IS THERE STILL A PLACE FOR THE SUBJECT IN WRITING?

Abstract: This essay aims to discuss AI and its implications for the academic writing of postgraduate students in education. Issues are: How does the advancement of AI transform the writing challenges of postgraduate students? What will be the place of these subjects in the new configurations of academic writing? We used the Freirean concepts of limit situations, limit acts and the unpublished viable to explain the overcoming of limits by subjects involved in the educational experience. We also dialogued with the specialized literature on academic writing and artificial intelligence in education. Finally, we noted the complexity of the issue and reinforced that, regardless of how AI is used in academic writing, the subject and their experience should not be erased from it. Erasing the subject would completely deconfigure authorship and education as a transformative and collective process.

Keywords: Artificial Intelligence; Academic writing; Subject.

INTELIGENCIA ARTIFICIAL EN LA ESCRITURA ACADÉMICA: ¿SIGUE HABIENDO LUGAR PARA EL SUJETO EN LA ESCRITURA?

Resumen: Este ensayo pretende analizar la IA y sus implicaciones para la escritura académica de los estudiantes de posgrado en educación. Se pregunta: ¿Cómo transforma el avance de la IA los retos de la escritura de los estudiantes de posgrado? ¿Cuál será el lugar de estos sujetos en las nuevas configuraciones de la escritura académica? Utilizamos los conceptos freireanos de situación límite, actos límite y lo inédito viable para explicar la superación de los límites por parte de los sujetos involucrados en la experiencia educativa. También dialogamos con la literatura especializada sobre escritura académica e inteligencia artificial en educación. Por último, constatamos la complejidad de la cuestión y subrayamos que, independientemente de cómo se utilice la IA en la escritura académica, el sujeto y su experiencia no deben borrarse de ella. Borrar al sujeto desconfiguraría por completo la autoría y la educación como proceso transformador y colectivo.

Palabras clave: Inteligencia Artificial; Escritura académica; Sujeto.

Introdução

A Inteligência Artificial (IA) tem apresentado consideráveis avanços no que se refere a sua aplicação e as possibilidades que ela oferece em diversos segmentos da sociedade. Segundo Cozman e Neri (2021, p. 23), de forma geral, pode-se entender por IA:

“[...] computadores digitais cujos programas representam e raciocinam sobre conhecimento e crenças, tomam decisões e aprendem, e interagem com seu ambiente, realizando todas essas atividades ou pelo menos algumas com nível alto de sofisticação”.

Concomitantemente, essa tecnologia tem evidenciado diversos riscos que se tornaram temas de debate e problematização em variadas instâncias públicas e privadas. De acordo com Carvalho (2021, p. 27)

Uma das principais incertezas sobre nossa relação com máquinas inteligentes é como lidar com conflitos entre máquinas e seres humanos. Havendo uma disputa entre máquinas e seres humanos, é importante observar que enquanto a estrutura e o comportamento dos seres humanos são guiados por lentos processos bioquímicos, as máquinas, com os avanços na ciência de materiais e na capacidade de processamento de dispositivos computacionais, são cada vez mais resistentes e eficientes.

Uma das esferas que mais tem se preocupado com os possíveis impactos que a IA pode gerar é a educação, pois sua aplicabilidade pode modificar dinâmicas de produção, escrita e difusão de conhecimento. No quesito escrita, a IA gerou, nos últimos anos, um conjunto considerável de geradores automáticos de escrita, amplamente difundidos na internet, e hoje pode até mesmo simular ou reestruturar textos acadêmicos. Inclusive, diante da disseminação desses programas com IA no ambiente educacional, a Unesco lançou um guia com orientações educacionais para o uso da IA na educação superior (Sabzalieva; Valentini, 2023).

Diante desse cenário, desenvolvemos uma reflexão em torno da IA na escrita acadêmica de pós-graduandos e pós-graduandas em educação. Considerando que a pós-graduação é um espaço de formação do pesquisador e da pesquisadora, cuja atividade fundamental, dentre outras, é a produção escrita, chegamos aos seguintes questionamentos: em que o avanço da IA transforma os desafios de pós-graduandos e pós-graduandas na escrita? Qual será o lugar desses sujeitos nas novas configurações da escrita acadêmica?

Como fica explícito em nossos questionamentos, nossa preocupação central está nos sujeitos em questão. Independentemente dos arranjos e das inovações tecnológicas na e para a educação, essa é uma atividade com e para sujeitos, humanizada e humanizadora. De forma categórica, Freire (1969, p. 123) afirma: “não se pode encarar a educação a não

ser como um que fazer humano. Que fazer, portanto, que ocorre no tempo e no espaço, entre os homens, uns com os outros”⁵.

Ao trazer esta afirmação, apresentamos a concepção freireana de mundo que nos aponta para a importância do ser humano como sujeito social, que se relaciona com as pessoas e produz, nessa ação, uma historicidade. Pitano (2009, p. 469) afirma que, de acordo com “[...] Freire, o movimento de vir a ser do sujeito é vocação natural (embora passível de ser distorcida ao longo do processo histórico) e está relacionado ao processo educativo como uma aprendizagem permanente”, o que indica que essas mudanças contribuem para nossa formação como seres humanos.

Como sugere essa concepção de sujeito social, cada um de nós assume a capacidade de ação e reflexão que gera uma práxis e, assim, passamos de objetos a indivíduos críticos, em ação conjunta com outros em determinados contextos e conjunturas históricas. Pensamos que é a partir dessa definição primordial que se deve abordar as novas potencialidades abertas pela IA, que podem gerar horizontes inéditos para esse fazer humano, dentro das instituições educacionais e além.

Antes de abordar como nosso texto está dividido, são necessários alguns esclarecimentos iniciais. Inspirando-se em Triviños (1987), situamos essa reflexão na seguinte “triangulação”. Em primeiro lugar, abordamos nossa percepção como autores deste ensaio, pessoas que enfrentam diretamente os desafios e dilemas de ampliação da IA na academia, em suas promessas e riscos. Em segundo lugar, somam-se à nossa “posição no mundo” (Freire, 1969) as observações e reflexões geradas pela literatura especializada que envolvem educação, escrita acadêmica e inteligência artificial. De forma central, utilizaremos aportes teóricos de Paulo Freire, sobretudo seus conceitos de “situação-limite”, “ato-limite” e “inédito viável” (Freire, 2006)⁶. Tais conceitos formulados há décadas nos parecem úteis e possíveis de ressignificação para os dias atuais, especificamente para refletir os desafios atuais de pós-graduandos e pós-graduandas na escrita. Em terceiro lugar, consideramos nosso objeto de reflexão em um quadro mais

⁵ Em *Pedagogia da Esperança*, Freire (2006) relata seu próprio processo de aprendizagem e o abandono do termo exclusivo “homens” para se referir aos seres humanos no geral. Após críticas de várias mulheres norte-americanas a esse ponto da redação de *Pedagogia do Oprimido*, Freire identifica seu machismo e modifica sua linguagem, no início dos anos 1970, passando a se referir a homens e mulheres, ou a seres humanos. Na prática, Freire demonstrou que educação também é abertura para o inédito, contínua inconclusão. “[...] Somos seres do inédito viável, pois ainda não somos totalmente prontos, viemos nos fazendo na história e podemos sempre nos reinventar” (Zitkoski, 2010, p. 210)

⁶ Ana Maria Araújo Freire (2010) identifica uma complexa genealogia de tais conceitos em outras obras humanistas e existencialistas que influenciaram Paulo Freire ao menos desde a *Pedagogia do Oprimido*. Utilizaremos aqui as definições freireanas desses conceitos.

amplo e de constante mudança sociotécnica e institucional, marcado pelas exigências das instituições universitárias e pelas alterações tecnológicas, com destaque para a IA.

Sendo assim, além dessa introdução, nossa reflexão para este ensaio será dividida nas seguintes partes: escrita acadêmica como situação-limite; a IA e as transformações na autoria; o uso da IA e o lugar do sujeito nas novas configurações da escrita acadêmica e considerações finais.

Ao longo de todo o texto, perseguiremos os questionamentos que motivaram esse ensaio, ao mesmo tempo em que desenvolveremos os conceitos freireanos elencados. Nossa ideia central, decorrente de nossa concepção de educação já exposta, é a seguinte: independentemente da forma de uso da IA na escrita acadêmica, não se deve apagar dela o sujeito e sua experiência. Isso não implica uma rejeição às novas tecnologias, mas seu uso reflexivo e pedagogicamente situado.

Escrita acadêmica como situação-limite

Escrever academicamente é uma situação muito desafiadora para os estudantes universitários no geral. De acordo com Alves e Moura (2016, p. 78): “fato comum na universidade é a exigência da produção de gêneros acadêmicos, seja para livre produção, visando à socialização de conhecimentos, seja para comprovação de produtividade, seja para verificação de aprendizagens”. Muitas vezes, essa exigência se defronta com uma escolarização no nível básico na qual se desenvolveu muito pouco essa habilidade ou seus pré-requisitos.

No caso brasileiro, apesar dos avanços educacionais das últimas décadas, a qualidade dos anos finais de nossa educação básica (ensino médio) continua abaixo do esperado. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, em 2021, ficou em 4,2 no ensino médio, o que indica proficiência mediana nas disciplinas de matemática e português.

No nível de pós-graduação, há cada vez mais exigências em torno de publicações, o que impõe aos pesquisadores em formação uma produção escrita constante. Nas normativas dos programas de pós-graduação, exigem-se produções escritas finais como requisitos para obtenção de títulos. Gil e Galli (2019, p. 784) destacam que:

[...] é saber notório que o dito do “Publique ou pereça” se encontra no cerne das práticas acadêmicas. Não faltam índices e métricas elaboradas e usadas a fim de medir a produtividade e o impacto da produção acadêmica de países, universidades, periódicos e pesquisadores.

Na pós-graduação, espera-se que o discente desenvolva e demonstre capacidade de autoria, de acordo com os critérios e parâmetros em voga na atividade científica da área em questão, ou seja, com determinadas regras discursivas. Como ressalta Foucault (1996), o discurso é uma realidade sob inúmeros mecanismos de controle, seleção, organização e distribuição. O discurso é, em toda sociedade, dito sob determinado ordenamento. Quem quer se integrar e verbalizar o discurso acadêmico, por exemplo, precisa se inserir numa determinada institucionalidade científica, com pretensões de discurso verdadeiro, que exclui uma série de outros discursos. Precisa também fazer uso de um jogo que organiza o discurso em torno de autores, comentadores, disciplinas, de locais e momentos de dizer e de calar.

A escrita acadêmica, portanto, apresenta-se como um dos vários obstáculos a serem superados pelos pós-graduandos e pós-graduandas. Situações como essa são denominadas por Freire (2006) “situações-limite”. O limite se coloca ao sujeito como algo que precisa ser alcançado ou superado, mas essa tarefa não se mostra simples, ou mesmo realizável à primeira vista.

A busca de uma superação ideal, sem erros ou falhas, faz com que o aluno ou a aluna de pós-graduação esqueça que, como toda atividade social, escrever é uma construção. Ninguém escreve de repente; a escrita é uma construção realizada no decorrer da nossa vida pessoal e profissional a partir de muitas leituras, conversas com as outras pessoas e até experiências vividas que vão nos constituindo como seres humanos e nos abrindo a possibilidade da redação.

Muitas vezes o que nos impede de avançar na escrita é o medo da rejeição. Becker (2015) vem nos dizer que, diante de sua experiência como professor, leitor e escritor, percebeu que o medo impera em alguns estudantes. Esses acreditam que sua escrita não está adequada e será alvo de muitas críticas, por isso se sentem inseguros para compartilhar seus textos. Afinal, como afirmamos acima, a escrita acadêmica é uma redação em meio a um conjunto de exigências institucionais e regras discursivas, às quais o educando deve se sujeitar em diversos níveis caso queira continuar no ambiente acadêmico.

Segundo Becker (2015), grande parte dos problemas que enfrentamos na produção da escrita acadêmica se dá, dentre outras razões, porque se escreve normalmente sozinho no ambiente acadêmico. Entretanto, quando compartilhamos nossa produção ainda inconclusa para que alguém possa ler e opinar sobre ela, o olhar do outro pode ser

relevante para nosso amadurecimento como escritores. Isso deixa mais evidente que todo o texto produzido é um rascunho a ser melhorado diante de leituras do outro. É um rascunho educativo que revela um processo.

Quando compartilhamos, ganhamos a oportunidade de fazer escolhas, refletir sobre nossa produção e amadurecer. Sabendo que aquele texto precisa ter clareza para que haja a comunicação, fica mais concreto para quem ele se destina.

A reescrita de um texto é algo necessário, e incorporar o que os outros sugeriram é um ponto positivo para o aprimoramento da produção. Reflete um amadurecimento como pessoa, já que se passa a compreender que é preciso considerar, sem temer, o que os outros entendem sobre o que escrevemos (Becker, 2015).

Superar uma visão idealizada da escrita, o medo e o isolamento, efeitos mais ou menos colaterais da institucionalidade acadêmica atual, e conseguir as ferramentas e os meios concretos para executar essa atividade, representam um desafio que muitas vezes não está claro nem se mostra possível aos estudantes. Essa é uma “situação-limite” que, se somada a possíveis outras experiências negativas com produções escritas, pode se revelar algo intransponível. Para Freire (2006), a situação-limite não é o impossível, mas, em determinadas circunstâncias, pode tomar o significado apenas de limite, barreira intransponível.

A sensação de incapacidade que às vezes rodeia os sujeitos, pela insegurança na escrita, faz com que eles busquem escapes. Isso, para Ana Maria Araújo Freire (2010), é diferente de um ato-limite. Um desses escapes pode ser a utilização do plágio nas produções acadêmicas.

De acordo com Diniz e Munhoz (2011), o plágio é quando o escritor se apropria de forma indevida de alguma criação literária, o que se constitui uma infração ética que desrespeita o autor ou a autora da produção. Se essa criação for protegida por direitos autorais, a ação é considerada crime. Assim, diante do avanço das discussões sobre a IA, devemos trazer também o conceito de ciberplágio, um fenômeno que, segundo Rodrigues e Lopes (2023), é relativamente novo e ocorre nos processos comunicacionais infotecnológicos. Para os autores, o ciberplágio refere-se “à apropriação intencional (fraudulenta) ou inadvertida de conteúdo do ciberespaço, sem atribuir os créditos ao autor do trabalho” (Rodrigues; Lopes, 2023, p. 4).

É significativa essa definição para compreendermos o quanto essa ação pode gerar problemas em nossa vida. O plágio nunca é o caminho que nos levará a uma boa escrita, pelo contrário, ele impede a nossa capacidade criativa e o amadurecimento acadêmico. É

um falso caminho para a superação da “situação-limite”: em vez de se pautar na confiança e na esperança, no dizer freireano, escapa para o desespero e o fatalismo; para o abandono da própria palavra para cumprir determinadas exigências externas ao sujeito.

A partir de uma situação-limite, cabe tomar um “ato-limite”, um ato do sujeito que se dirige “[...] à superação e à negação do dado, da aceitação dócil e passiva do que está aí, implicando dessa forma uma postura decidida frente ao mundo [...]”, segundo Ana Maria de Araújo Freire (2010, p. 224). No caso em tela, é preciso construir com os outros caminhos e instrumentos para e de escrita, levando-os a tensionar e questionar as próprias exigências e contornos institucionais e discursivos. Com “atos-limite”, a situação-limite pode se tornar o início de um “inédito-viável” (Freire, 2006). Uma situação que se presentifica enquanto abertura construída pelos sujeitos, em ação e em reflexão.

Inteligência Artificial e as transformações na autoria

A escrita acadêmica sofre determinações não apenas pelas dinâmicas históricas, sociais e institucionais, mas também com as mudanças nas exigências das universidades e periódicos científicos. Há ainda alterações provenientes da tecnologia e essas compõem, cada vez mais, as complexas situações-limite da escrita na pós-graduação e seus horizontes de solução.

A popularização do computador e o uso da internet alteraram a escrita na academia de diversas formas. Segundo Becker (2015), tais tecnologias tornaram mais acessíveis e simples o uso de elementos não textuais nas produções acadêmicas, como imagens e gráficos, assim como facilitaram o acesso e a organização de referências bibliográficas. No entanto, novos problemas surgem, advindos do uso incorreto de direitos autorais e do excesso de informações para o leitor. Diante disso, resume Becker (2015, p. 150) “[...] o computador é uma grande ajuda, mas também é uma armadilha. Cuidado”.

Outra alteração tecnológica que tem gerado debates e controvérsias nos últimos anos é a IA, especificamente sua vinculação com a geração de textos. Segundo Boa Sorte *et al.* (2021, p. 5-6), ela “[...] diz respeito à reprodução artificial da mente humana, simulando o seu aspecto cognitivo”, pois, com base em leitura, análise de dados e programação prévia, ela é capaz de tomar decisões, executar tarefas e gerar informações de alta complexidade.

Esse tipo de inteligência está em pleno desenvolvimento, com diversas empresas, governos e Estados realizando investimentos nessa inovação. Deve-se reforçar que as

potencialidades da IA hoje provavelmente serão superadas pela IA do futuro, tendo em vista sua tendência ao aperfeiçoamento e a capacidade de aprendizagem.

Para Morozov (2018, p. 150), o grande avanço da IA, ocorre porque

[...] as grandes empresas de tecnologia conseguiram a) encontrar maneiras de extrair enorme volume de dados, muitas vezes a partir de atividades periféricas às suas principais atividades de negócios; b) envolver milhões de usuários em treinamentos - inadvertidamente - de seus sistemas, fazendo com que estes se tornassem mais inteligentes e autônomos.

Tal aspecto da IA, para o autor, precisa ser considerado criticamente. A influência direta dos grandes conglomerados econômicos e seus interesses no desenvolvimento de uma tecnologia gera impactos negativos diversos, como ampliação da vigilância e do poder por parte dessas empresas e concentração de recursos e de controle técnico na mão de poucos (Morozov, 2018).

Um exemplo do emprego da IA é o GPT (*generative pre-trained transformer*, ou transformador pré-treinado generativo), criado em 2018 pela OpenAI. Ele tem como função a produção de textos a partir de determinado comando, e foi recentemente anunciada em formato de “chat”. Desde a primeira versão desse programa, até a mais atual (GPT-4), ampliou-se sua capacidade de geração textual, sob aumento contínuo da base de dados de referência (Boa Sorte *et al.*, 2021), a ponto de, recentemente, ter ganhado os noticiários e o debate público, sobretudo a respeito de seus efeitos no mercado de trabalho, na educação e em demais áreas da sociedade.

Araújo (2017) comenta que programas geradores de textos, tais como o GPT, são utilizados há alguns anos não só no jornalismo, na política, no mercado editorial, mas também na academia, seja na produção da argumentação em si, seja na produção de hipóteses a partir de análise automática de literatura especializada. O uso da IA de programas geradores de textos, hipóteses e outras informações coloca em questão diversos problemas envolvendo a ética no fazer científico, o plágio e a autoria.

Complementando a ideia de Araújo (2017), Boa Sorte *et al.* (2021) ainda faz uma reflexão sobre os impactos da IA nos conceitos de texto e escrita. Segundo os autores, a escrita hoje estaria mais próxima à remixagem, práticas de cópias, combinações e manipulações articuladas por determinado criador.

As potencialidades e riscos da IA na escrita acadêmica também têm sido alvo de experiências práticas. O artigo de Fyfe (2022) traz um experimento pedagógico que relata

o seu uso (GPT-2) por estudantes em trabalho final de uma disciplina e debate suas percepções.

O resultado do experimento reforça a complexidade do tema da autoria acadêmica diante do advento da IA. Alguns estudantes tiveram dificuldade em se intitular como plenos autores do texto, não havendo consenso se ocorreu plágio ou não. Ao mesmo tempo, outros destacaram as limitações dessa tecnologia para produção final de textos acadêmicos de qualidade. De qualquer forma, o experimento levou a uma reflexão, com muitos pontos ainda em aberto, sobre as novas possibilidades e formas da escrita a partir de usos da IA.

Capacidade inédita de análise de dados, geração automática de textos, “remixagem” textual, novas fronteiras entre autoria e plágio são algumas das novas configurações da escrita acadêmica a partir do recente avanço da IA. Nesse contexto, a autoria necessariamente precisa ser repensada. Será que ainda existe lugar para o sujeito na escrita?

O uso da inteligência artificial e o lugar do sujeito nas novas configurações da escrita acadêmica

A IA possibilita diversos usos na escrita na pós-graduação. À primeira vista, ela pode até ser entendida como uma solução fácil para essa situação-limite. Afinal, é assim que são propagandeados tal tecnologia e respectivos “cursos” na iniciativa privada e nas redes sociais⁷. Como consequência da IA, o desafio da escrita desapareceria para o sujeito, pois ele seria substituído por uma máquina com capacidade de cognição semelhante à humana. O fazer humano seria totalmente automatizado, apresentando uma solução automática.

No entanto, essa percepção simplista da IA e seu uso na escrita acadêmica nos parecem mais um escape em vez de um ato-limite na perspectiva freireana. Ora, trata-se do apagamento e da rendição do sujeito perante uma situação-limite que parece ser intransponível. Algo semelhante ao que ocorre no plágio, como comentado acima.

Outra forma simplista de abordar tal questão, outra forma de escape do momento histórico e do mundo concreto que se impõe como situação-limite, é desconsiderar a IA por

⁷ Conforme consulta realizada na rede social TikTok, no dia 17 de agosto de 2023, a partir da pesquisa “Como fazer o TCC no Chat GPT?”, foram encontrados inúmeros vídeos, alguns com mais de 1 milhão de visualizações. No conteúdo desses vídeos, há tanto dicas de como usar o Chat GPT para fazer trabalhos acadêmicos escritos, quanto sugestões para que os professores não identifiquem esse uso.

completo. Fingir que essa criação tecnológica não traz qualquer implicação relevante à instituição acadêmica, ao seu ordenamento discursivo. Esse gesto de não perceber a realidade como se coloca, inclusive em seus desafios, sem dúvida não é um caminho no sentido freireano. Talvez, seja uma forma defensiva de resguardar algo fundamental à educação e ameaçado pela IA: o lugar do sujeito e a educação como fazer humano, mas sem se abrir às possibilidades do inédito. “Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado” (Freire, 1996, p. 33).

Busquemos pois pensar o uso da IA sem incorrer nesse duplo escape, tentando traçar os atos-limite possíveis frente à nova configuração da escrita. Como afirma Carvalho (2021, p. 32)

O que temos que decidir agora não é mais se teremos ou não a IA, mas como teremos a IA. Para isso, temos que, prestando atenção em experiências passadas, de acesso e inclusão social a novas tecnologias, garantir que a IA veio para beneficiar a todos nós e que os riscos que receamos possam ser evitados.

Segundo a Unesco, especificamente sobre a escrita acadêmica, uma IA como o ChatGPT pode auxiliar diretamente na melhoria da qualidade da escrita; na formatação de citações e referências; na tradução de textos. Além disso, destaca que a IA pode ajudar de diversas outras formas o processo de ensino-aprendizagem de nível superior, assim como o processo investigativo. Por exemplo, a IA pode gerar outras maneiras de expressar uma ideia; atuar como “debatedor” de ideias; “tutor” capaz de gerar materiais didáticos, que reforcem aprendizados, dentre outras funcionalidades (Sabzalieva; Valentini, 2023).

De acordo com Araújo (2017), a IA pode ainda ser uma facilitadora em atividades acadêmicas que exijam seguir padrões diante do potencial desempenhado pelos algoritmos e sistemas automatizados.

Diante dessas breves ideias e sugestões, para além da escrita integral de um trabalho ou artigo, a IA oferece outras ferramentas e funcionalidades a serem aplicadas no processo educacional da pós-graduação ou em suas dinâmicas de escrita.

Compreendemos que, ao se delimitar ética e pedagogicamente o uso da IA, tem-se uma possível ferramenta de contribuição na escrita acadêmica. A IA pode ser utilizada para: i) pesquisar fontes e informações de forma pontual e direcionada; ii) explorar e examinar as hipóteses ou teses e os respectivos argumentos de pesquisas em curso; iii) buscar novas referências sobre o tema ou ratificar as utilizadas anteriormente. Em todas essas perspectivas, o papel do sujeito é ativo e dirige o processo.

A IA, desse ponto de vista, transforma-se em mais uma tecnologia acadêmica que devemos considerar em sua concretude, não em sua idealização. Nesse sentido, é importante ressaltar as contradições, riscos e limites atuais dessa ferramenta.

Trazemos de volta a reflexão sobre autoria e plágio de Krokosz (2012, p. 11): plágio é “qualquer conteúdo (artístico, intelectual, comercial etc.) que tenha sido produzido ou já apresentado originalmente por alguém e que é reapresentado por outra pessoa como se fosse próprio ou inédito”. Segundo o referido documento da Unesco, não há hoje consenso sobre a utilização de textos gerados por IA: seria uma autoria própria, coautoria ou plágio? Ou seja, ainda lidamos com a ausência de regulamentação específica para a utilização da IA (Sabzalieva; Valentini, 2023).

Ao mesmo tempo, o ChatGPT pode apresentar dados incorretos como se fossem verdadeiros, tendo em vista os próprios limites atuais de suas bases de dados e procedimentos. A IA ainda precisa de uma inteligência humana que sirva como filtro para seu uso. A criticidade para o uso bem-sucedido desta tecnologia ficará, assim, no humano, não sendo possível ainda ser substituída.

Diante desse breve balanço sobre o uso da IA na escrita acadêmica, nota-se uma reconfiguração da situação-limite colocada diante de estudantes da pós-graduação. Há tanto elementos que contribuem para sua superação, como novos obstáculos e desafios.

Em outras palavras, mesmo diante da tecnologia mais avançada de automatização da escrita já inventada, a questão ainda continua a se centrar na ação desenvolvida socialmente pelos sujeitos diante da situação-limite. Mesmo com mutações no fazer humano e no da máquina no campo da educação, a tecnologia não significa o apagar do sujeito, seja pelas limitações da primeira, seja pelas determinações específicas do fenômeno educacional – que envolve o sujeito em seu processo de aprendizagem.

Diante do novo “percebido-destacado” (Freire, 2006) da nova situação-limite, novos arranjos e caminhos podem ser tentados enquanto atos-limite na escrita acadêmica em educação envolvendo a IA, alguns dos quais elencados acima. Da mesma forma, outros inéditos podem se mostrar viáveis.

Não um “inédito” do plágio automatizado. Esse último ato não é propriamente uma escrita, pois impede a autoria e a autonomia criativa, mas inéditos que incorporem as tecnologias disponíveis e os sujeitos; um fazer humano da educação e da escrita que não considera a IA nem como ferramenta perigosa e sem uso, tampouco como solução de todos os problemas.

Por fim, o uso da tecnologia em nossos atos não pode apagar nossa condição de sujeitos e nossa experiência. Escrever, antes de tudo, é expressar-se. Assim, deve-se lembrar o quanto as palavras são marcantes e transmitem nossos pensamentos e, por meio delas “[...] nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos [...]” (Bondía, 2002, p. 21). A escrita nos posiciona e, por meio dela, as pessoas conhecem quem somos, qual nossa concepção teórica e no que acreditamos. Por isso, é preciso escrever por si mesmo para, como dizia Freire (1996), ser mais nesse mundo. E nenhuma máquina de escrever por si só pode apagar o saber de nossa experiência, ou pode dar sentido àquilo que acontece a nós.

Considerações finais

Refletimos em torno da Inteligência Artificial (IA) na escrita acadêmica diante das situações-limite de pós-graduandos e pós-graduandas. Os elementos debatidos demonstram a complexidade e a abertura da questão, envolvendo dimensões sociais, éticas, pedagógicas que movem as próprias bases do fazer científico.

Sem pretensões de encerrar o assunto, posicionamo-nos contrários à “escrita totalmente automatizada” como suposta solução para a situação-limite da escrita. Com Paulo Freire, buscamos refletir sobre atos-limite viáveis ao atual contexto, e outros inéditos viáveis. A partir de nossas considerações e apontamentos, esse inédito-viável da nova escrita precisa ser uma composição na qual não se deve apagar o sujeito e sua experiência, em articulação com outros sujeitos em certo momento histórico. Sem tais elementos, a própria educação, como processo de transformação do sujeito, e a própria autoria, como expressão da experiência, perderiam sentido. Escrever, como educar, é coletivo e humanizado.

Afastando as posições simplistas que enxergam na IA seja algo a não ser considerado, seja a solução para todos os desafios da escrita acadêmica, defendemos a possibilidade de construir coletivamente caminhos e instrumentos para uma nova escrita, considerando os limites e as potencialidades atuais da IA. Um processo dirigido e definido pelos próprios sujeitos em ação por um novo inédito-viável.

Referências

ALVES, Maria Fátima; MOURA, Lucielma de Oliveira Batista Magalhães de. A escrita de artigo acadêmico na universidade: autoria x plágio. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 69, n. 3, p. 77-93, dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2016v69n3p77>.

ARAÚJO, Marcelo. O uso de inteligência artificial para a geração automatizada de textos acadêmicos: plágio ou meta-autoria?. *Logeion*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 89-107, set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.21728/logeion.2016v3n1.p89-107>

BECKER, Howard S. *Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BOA SORTE, Paulo; FARIAS, Mário André de Freitas; SANTOS, Allessandra Elisabeth dos; SANTOS, Jefferson do Carmo Andrade; DIAS, Jamile Santos dos Santos Rodrigues. Inteligência artificial e escrita acadêmica: o que nos reserva o algoritmo GPT-3?. *EntreLinguas*, Araraquara, v. 7, p. 1-22, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v7i00.15352>.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

CARVALHO, André Carlos Ponce de Leon Ferreira. Inteligência artificial: riscos, benefícios e uso responsável. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 35, n. 101, p. 21-36, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.003>.

COZMAN, Fabio Gagliardi; NERI, Hugo. O que, afinal, é inteligência artificial?. In: COZMAN, Fabio Gagliardi; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo (org.). *Inteligência artificial: avanços e tendências*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 2021. p. 19-27.

DINIZ, Debora; MUNHOZ, Ana Terra Mejia. Cópia e pastiche: plágio na comunicação científica. *Argumentum*, Vitória, v. 3, n. 1, p. 11-28, 2011. DOI: <https://doi.org/10.18315/argumentum.v3i1.1430>.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito-Viável. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. p. 223-226.

FREIRE, Paulo. O papel da educação na humanização. *Paz e Terra*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 123-132, out. 1969. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/f57055aa-f92d-4702-b2d4-c3b59e90e161/content>. Acesso em: 24 maio 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FYFE, Paul. How to cheat on your final paper: assigning AI for student writing. *AI & Society*, Berlim, v. 38, p. 1395–1405, mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00146-022-01397-z>.

GIL, Beatriz; GALLI, Fernanda Correa Silveira. Discurso acadêmico: a regulação do poder disciplinar e do panóptico. *Linguagem e Ensino*, Pelotas, v. 22, n. 3, p. 774-790, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v22i3.17146>.

KROKOSZ, Marcelo. *Autoria e plágio: um guia para estudantes, professores, pesquisadores e editores*. São Paulo: Atlas, 2012.

MOROZOV, Evgeny. *Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.

PITANO, Sandro. Sujeito Social. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. p. 384-385.

RODRIGUES, Sirlene; LOPES, Carlos. O silêncio do PNLD e dos livros didáticos sobre o ciberplágio. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 18, p. 1-17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.18.21432.014>.

SABZALIEVA, Emma; VALENTINI, Arianna. *ChatGPT and artificial intelligence in higher education: quick start guide*. Paris: Unesco, 2023. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000385146>. Acesso em: 12 jun. 2023.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

ZITKOSKI, Jaime José. Humanização/Desumanização. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. p. 210-211.

Recebido em: 29 de dezembro de 2023

Aceite em: 28 de fevereiro de 2024